

## Enquadramento Das Manifestações De Junho Na Folha De São Paulo<sup>1</sup>

Bruno Henrique Barros FONSECA<sup>2</sup>  
Paula Guimarães SIMÕES<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

### Resumo

Neste artigo, discuto o conceito de enquadramento, assim como proposto por Gegory Bateson, Erving Goffman e outros pesquisadores para analisar o movimento de enquadre de produtos jornalísticos, em específico, de editoriais jornalísticos sobre as manifestações do Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, no início de junho de 2013. Em seguida, destaco alguns elementos propostos pelos autores sobre o enquadramento para elaborar uma tabela de operacionalização do conceito para análise de produtos jornalísticos. Por fim, aplico essa tabela aos dois editoriais publicados pela Folha de São Paulo nos dias 13 e 15 de junho de 2013, revelando quais enquadramentos são propostos pelo veículo, suas semelhanças e divergências.

**Palavras-chave:** manifestações; enquadramento; editorial; jornalismo

### Texto do Trabalho

#### 1. Introdução

Oito policiais militares e um número desconhecido de manifestantes feridos, 87 ônibus danificados, R\$ 100 mil de prejuízos em estações de metrô e milhões de paulistanos reféns do trânsito. Eis o saldo do terceiro protesto do Movimento Passe Livre (MPL), que se vangloria de parar São Paulo - e chega perto demais de consegui-lo. (RETOMAR..., 2013)

Acima, está o primeiro parágrafo do editorial da Folha de São Paulo, publicado às 3h30 de 13 de junho de 2013 e distribuído, na versão impressa, na manhã do mesmo dia. Na época, o Movimento Passe Livre (MPL) acabara de realizar o seu terceiro grande ato contra o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação Social da FAFICH-UFMG, email: obruno10@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FAFICH-UFMG, email: paulaguimaraessimoess@yahoo.com.br

aumento das tarifas de transporte na cidade de São Paulo. O que hoje, boa parte de nós, brasileiros, identificamos facilmente como “as jornadas de junho”, ainda estava ganhando seus contornos iniciais. O editorial da Folha, entretanto, não se privou de estabelecer suas próprias interpretações sobre a série inicial de manifestações.

Proponho um exercício: substituir o termo interpretações por *enquadramento*. Parece-me bastante adequado, visto que, sob o senso comum, é bastante costumeiro afirmarmos que o jornalismo é capaz de *enquadrar* os acontecimentos do mundo. Segundo o Dicionário online do Aurélio, enquadrar significa “por em quadro; emoldurar; encaixilhar”, isto é, torna-se bastante evidente que enquadrar representa um movimento de impor limites, de separação, de definição do *que é* e do *que não é*. Dessa forma, quando afirmamos rotineiramente que tal notícia *enquadrou* determinada situação, nos referimos a esse processo duplo que destaca algo, mas remove o que está aquém; de uma interpretação da realidade que constrói um objeto, ao mesmo momento em que desconstrói o que não é considerado parte dele. Curioso notar que, em uma simples afirmação do cotidiano, expomos, ainda que inconscientemente, a capacidade do jornalismo de dizer *o que algo é* dentre uma variedade de possibilidades que se tornam, por exclusão, *algo que não se pode mais ser*.

Esse raciocínio sobre o *enquadramento*, por sua vez, não se limita apenas ao senso comum. A pesquisa em comunicação também se dedica, à sua maneira, a estudar a prática de *enquadramento comunicacional*. A partir dos trabalhos do psicólogo Gegory Bateson e do sociólogo Erving Goffman, diversos autores desenvolveram uma série de pesquisas em Comunicação utilizando ou transformando o conceito de *enquadramento* para analisar os produtos de comunicação, como as notícias jornalísticas. É possível perceber a riqueza hermenêutica desse tipo de pesquisa pelas próprias possibilidades que a fala do senso comum já aponta: ao buscar identificar *enquadramentos* de produtos de comunicação, a pesquisa dá a ver o que o jornalismo constrói e desconstrói a partir da realidade, ou seja, o que ele diz que *é* a realidade e o que ela *não é* - e como esse dizer é elaborado.

Dessa forma, neste artigo, proponho, primeiramente, uma descrição do conceito de *enquadramento*, resgatando Bateson e Goffman para, depois, citar autores que se dedicaram explicitamente a produtos de comunicação. Em um segundo momento, irei utilizar o

conceito para avaliar o enquadramento a partir de dois produtos jornalísticos notórios sobre manifestações urbanas no Brasil em junho de 2013. O primeiro é o já citado editorial da Folha de São Paulo do dia 13, o segundo, o editorial de dois dias seguintes quando, após milhares de críticas à repressão policial, a Folha de São Paulo propôs um enquadramento diferente do anterior.

## **2. Bases Do Conceito De Enquadramento**

### **2.1 Gregory Bateson**

O trabalho do psicólogo Gregory Bateson é uma referência primária para análises de enquadramento. A partir do estudo do processo psicoterápico, apresentado inicialmente no texto de 1954 “Uma teoria sobre brincadeira e fantasia”, Bateson desenvolveu o conceito de *enquadre* para buscar explicar os quadros de sentido que moldam as ações e interpretações dos atores em um contexto de interação.

Um exemplo dado por Bateson: ao observar dois macacos brincando em uma jaula no zoológico, foi possível perceber que, apesar da situação se assemelhar a uma briga, os animais tinham ciência de que se trata de uma brincadeira. Esse conhecimento compartilhado entre os macacos, por sua vez, moldava as ações dos próprios animais, por exemplo, utilizando menos força durante a brincadeira do que seria necessário para um confronto real. Bateson aponta que a interação entre os macacos não acabaria em brincadeira se os animais não executassem alguma série de comunicações metalinguísticas e metacomunicativas, isto é, se não utilizassem de elementos explícitos e implícitos para acessar uma meta-asserção “isto é uma brincadeira”. A partir desse exemplo, Bateson torna evidente dois aspectos complementares do enquadre. O primeiro é o aspecto *pragmático*, pois o enquadramento necessita de uma situação de interação, ou seja, ele se realiza através da própria prática. Antes que a interação ocorra, não é possível prever qual enquadre será acionado. No máximo, pode-se supor possibilidades de que os macacos brinquem entre si, iniciem um confronto ou mesmo não dêem atenção ao outro animal.

O segundo aspecto do enquadre é a sua *anterioridade*. O enquadre relaciona-se a algo que existe previamente à interação, a uma ciência compartilhada que permite que os atores interpretem as ações a partir de um quadro de possibilidades, ainda que, na própria

interação, possam ser reconfiguradas. Como explicam os pesquisadores Paula Simões e Ricardo Mendonça, em artigo sobre o conceito de enquadramento, o *enquadre*, para Bateson, faz-se valer de sentidos socialmente partilhados, ou a *intersubjetividade*, para estabelecer quais os limites e possibilidades na situação de interação. “Sempre presente, o enquadramento possibilita identificar as regras e as instruções que orientam determinada situação e o envolvimento dos atores nela.” (MENDONÇA, R.; SIMÕES, P., 2012, P.189)

## 2.2 Erving Goffman

Foi a partir do trabalho de Bateson que o cientista social Erving Goffman desenvolveu o conceito de *frame* ou *quadro*, uma série de princípios que organizam os acontecimentos e o nosso envolvimento neles. Nas palavras do próprio autor:

[...] evidentemente, faremos um amplo uso do termo ‘quadro’ no sentido que lhe dá Bateson. Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos - pelo menos os sociais - e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar (GOFFMAN, E., 2012, 34)

Percebe-se que, assim como Bateson, Goffman entende o quadro, ou enquadramento, a partir de sentidos socialmente partilhados que instruem a ação de sujeitos em interação. Essa instrução, dentre outras possibilidades, implica um processo de posicionamento dos atores. Isto é, em uma situação de interação, os atores, a partir de um enquadramento, assumem posições em relação à situação e aos demais sujeitos. Goffman definiu esse posicionamento como *footing*, ou seja, a postura dos interlocutores engajados em uma interação (aqui traduzirei como *posição* e *posicionamento*). Para Goffman, o *footing*, por sua vez, opera em um contexto de *keeing*, ou seja, uma chave de regras e convenções a partir das quais o ator pode alinhar o posicionamento. Vejamos um exemplo: em uma entrevista de emprego, tanto entrevistador quanto entrevistado podem acionar “papeis” a realizar. Isso significa que são esperadas posturas, condutas, falas e vestimentas para quem entrevista e para quem é entrevistado. Essas expectativas, esse comum partilhado, instrui as ações dos atores e, quando se dá a interação, esses mesmos atores assumem posicionamentos de acordo com um quadro geral de possibilidades - seja com fidelidade a esse quadro ou, em situações extremas, o refutando.

É interessante ressaltar que Goffman reconhece e dedica atenção à possibilidade de mudança de posicionamento em uma situação de interação. Nesse sentido, realizar um posicionamento outro àquele esperado em um dado enquadramento significa mudar o alinhamento que o ator tem consigo e com os outros interlocutores. Em última análise, pode representar uma mudança do próprio enquadramento. Esse raciocínio confere ao enquadramento um caráter extremamente dinâmico, visto que há a possibilidade de negociação, transformação e recusa na interação. Dessa forma, assim como em Bateson, é salientado um caráter pragmático do enquadramento. Embora exista uma situação prévia à interação que constrange os atores, oferecendo uma chave de regras e convenções, os atores também atuam sobre elas.

### **2.3 Enquadramento Aplicado À Notícia**

Bateson e Goffman desenvolveram seus conceitos de enquadramento voltados, sobretudo, a situações de comunicação interpessoal. Apesar disso, é bastante plausível estender as suas formulações à comunicação mediada por aparelhos técnicos, como nas publicações dos meios de comunicação de massa e, em especial, às notícias jornalísticas.

Mauro Porto, pesquisador em Comunicação na Tulane University (EUA), por exemplo, propõe pensar em enquadramentos noticiosos a partir dos produtos jornalísticos. Em seu artigo “Enquadramentos da Mídia e Política” (2002), Porto resgata diversos autores que aproximaram o conceito de enquadramento aos processos midiáticos, comprovando como a aplicação do conceito é bastante profícua para os estudos em Comunicação. Um deles é a socióloga Gaye Tuchman, para quem a notícia pode ser entendida como “um recurso social cuja construção limita um entendimento analítico da vida contemporânea” (TUCHMAN, G., 1978 apud PORTO, M., 2002, p.5). Porto também cita o trabalho do sociólogo Todd Gitlin, que definiu os enquadramentos da mídia como “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira”. (GITLIN, T., 1980 apud PORTO, M., 2002, p.6). Após citar outros autores, Porto afirma que o pesquisador em Comunicação Robert Entman foi capaz de resumir o enquadramento em seus principais aspectos:

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito. (ENTMAN, R., 1994 apud PORTO, M., 2002, p.7)

A partir do levantamento empreendido por Porto, pode-se entender que o editorial jornalístico seria, por excelência, o produto no qual o enquadramento jornalístico se faz mais evidente. Isto é, o editorial pode ser compreendido como o principal recurso do veículo para construir um *entendimento analítico* do contemporâneo, parafraseando Tuchman. Seguindo a proposição de Gitlin, é no editorial que se percebem os *padrões de interpretação* do veículo, como ele seleciona, enfatiza e exclui assuntos e abordagens que lhe interessam e como o discurso da instituição jornalística é organizado e apresentado. É no editorial que se evidencia o caráter rotineiro do enquadramento, visto que ele é produzido a partir de um corpo relativamente fixo de diretoria e grandes editores e cumpre a uma expectativa institucional forte de posicionamento do veículo, ao contrário das demais reportagens e colunas, nas quais há uma certa diversidade de jornalistas e autores que, sob restrições mais ou menos expressivas a depender do tema e do veículo, desenvolvem suas próprias visões de mundo. Finalmente, a partir de Entman, o editorial também pode ser percebido como um *momento privilegiado de seleção e saliência*, no qual aspectos da realidade são selecionados, definidos, interpretados, avaliados e recomendados segundo a postura editorial do veículo.

Reunindo essas considerações, sugiro que voltemos a Goffman para, então, compreender o editorial como um produto privilegiado para se observar o *posicionamento* (footing) que o veículo jornalístico propõe para os atores sobre os quais escreve a partir de uma dada *chave* (key). Isto é, no editorial, o veículo jornalístico posiciona pessoas, grupos e instituições de forma mais incisiva o que, por sua vez, revela, de forma mais evidente, o *enquadramento* que o veículo propõe e como ele pretende *instruir* os seus interlocutores.

### **3. Enquadramento Como Conceito Operacional**

Com o objetivo de transformar o enquadramento em um conceito operacional para analisar editoriais jornalísticos, primeiramente, é preciso levantar os principais elementos apresentados pelas perspectivas de Bateson, Goffman e dos autores trazidos por Porto.

A partir de Bateson, sugiro pensar a *anterioridade* e o *pragmatismo* do enquadramento, ou seja, como ele se liga a uma intersubjetividade pré-existente, mas só é realizado a partir da prática. Assim, um editorial jornalístico irá se basear em uma ciência prévia e partilhada do evento a que se relaciona, contudo, irá se estruturar a partir de uma situação específica. Portanto, na análise de um editorial, cabe-se perguntar a qual conjunto de conhecimentos partilhados ele se refere, mas também que aspectos e traços desse conjunto o produto jornalístico seleciona e atualiza. Além disso, são centrais, para Bateson, as dimensões metalinguísticas e metacomunicativas da interação. Isto é, como o editorial mobiliza elementos para além do nível de conteúdo. Evidentemente, é bastante difícil identificar essas dimensões a partir de uma análise textual. Entretanto, para não subdimensioná-las, considero oportuno tentar encontrar elementos que indiquem essas dimensões. Dessa forma, cabe-se perguntar: há algum tom no editorial (de concordância, apoio, repúdio, indignação, ironia etc.)? Quais elementos, explícitos e implícitos, apontam para esse tom? Há alguma meta-asserção no editorial?

Já a partir de Goffman, proponho levar em consideração a reflexão sobre o *posicionamento* ordenado pelo enquadre. Isto é, como o editorial posiciona os sujeitos sobre os quais escreve? Quais “entidades” são apresentadas e como o veículo as posiciona: aliadas entre si, adversárias, neutras? Além disso, a partir das ponderações de Goffman de que um enquadramento *instrui* os atores, faz-se oportuno questionar quais instruções o editorial apresenta. São propostas ações e condutas para os atores? O editorial sugere um desfecho para a situação ou uma resolução para o conflito? E mais: o veículo instrui como devemos nos posicionar a partir do evento?

Finalmente, a partir dos autores levantados por Porto, sugiro tentar operacionalizar os seguintes elementos. De Tuchman, destaco que o editorial realiza um *entendimento analítico* do contemporâneo. Assim, cabe-se perguntar quais aspectos ou temas da sociedade contemporânea o produto destaca e analisa? Já, de Gitlin, proponho buscar padrões de ênfase e exclusão, de apresentação e seleção. Isto significa buscar como, na

materialidade do editorial, determinados elementos são enfatizados, excluídos, apresentados e selecionados e também se esse movimento segue algum tipo de padrão. Já a partir de Entman, é interessante avaliar como o editorial opera saliências no evento (similar à ênfase de Gitlin), mas também como ele propõe interpretações causais, avaliações morais e recomendação de tratamento para a situação.

Chego, então, à seguinte lista de elementos e processos que devem ser utilizados para a operacionalização do conceito de enquadramento que proponho neste trabalho:

**Anterioridade:** A que temática ou eventos anteriores o editorial se refere? Até que ponto vai o recuo histórico? Quais situações e atores são resgatados pelo editorial? O editorial propõe comparações a eventos passados? **Pragmatismo:** Como o editorial insere o evento no presente? Qual grau de ineditismo é apresentado? Como o editorial projeta o evento para o futuro? **Metacomunicação:** Há algum tom no editorial (de concordância, apoio, repúdio, indignação, ironia etc.)? Quais elementos, explícitos e implícitos, apontam para esse tom? Há alguma meta-asserção no editorial? **Posicionamento:** Quais entidades ou atores são delimitados pelo editorial? Como ele as posiciona: aliadas entre si, adversárias, neutras? **Instrução:** Quais ações e condutas são propostas para os atores? O editorial sugere um desfecho para a situação ou uma resolução para o conflito? Como o editorial sugere que os leitores se posicionem a partir do evento? **Análise do contemporâneo:** Quais aspectos ou temas da sociedade contemporânea o editorial analisa? **Padrões de ênfase e exclusão:** Quais situações, temáticas ou atores o editorial enfatiza/salienta? E quais ele exclui? É possível perceber padrões nessa ênfase e exclusão? **Avaliação moral:** Quais relações causais o editorial estabelece? Ele realiza alguma avaliação moral da situação, dos atores ou das relações causais do tipo certo e errado; bom e mau; bem e mal; melhor e pior; etc.?

É importante ressaltar que a lista acima é apenas um esforço inicial desenvolvido a partir de um repertório bastante restrito sobre o conceito de enquadramento. Diversas outras aproximações são possíveis. De qualquer forma, considero esse tipo de operacionalização um esforço frutífero para este artigo, sobretudo, para ser continuado em trabalhos futuros que podem, inclusive, agregar outros conceitos para além do enquadramento.

#### **4. Análise Dos Enquadramentos Em Editoriais Sobre Manifestações**



Retornando ao editorial “Retomar a Paulista” da Folha de São Paulo de 13 de junho 2013, já havia apresentado o parágrafo inicial, no qual o texto contabiliza os policiais e manifestantes feridos, os ônibus danificados, o prejuízo a estações de metrô e os transtornos ao trânsito. Todos esses elementos são apontados como causa direta e responsabilidade do MPL. Nos parágrafos seguintes, o texto afirma que a reivindicação do MPL “não passa de pretexto, e dos mais vis”, que trata-se de jovens “predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária” e que o objetivo do “grupelho” tem uma bandeira irreal com a “intenção oculta de vandalizar equipamentos públicos”. Além disso, em desconsideração às denúncias sobre violência policial e argumentos favoráveis ao direito à manifestação que já se somavam à época<sup>4</sup>, o editorial justifica a ação da Polícia Militar de São Paulo (PMSP) afirmando que “cabe ao poder público impor regras e limites ao exercício de direitos por grupos e pessoas quando há conflito entre prerrogativas” (RETOMAR..., 2013).

Entretanto, o editorial da Folha de São Paulo seria confrontado pela realidade que se seguiu ao protesto desse dia. Na noite desse mesmo 13 de junho, a violência policial, talvez sem precedentes nos últimos anos<sup>5</sup>, não se restringiria às ruas e às falas do tal MPL. Antes do contrário: naquela noite, os manifestantes, ao serem encurralados na esquina da rua Maria Antônia com a Consolação e, em seguida, agredidos pelo batalhão de choque da PMSP, registraram e compartilharam uma infinidade de relatos, em texto e imagens, sobre a repressão. Esses relatos, por sua vez, viralizaram nas redes sociais em tempo real, multiplicando-se a partir de um sem número de colaborações indignadas.

Em estudo realizado pela Interagentes<sup>6</sup>, dirigido pelos sociólogos Sergio Amadeu e Tiago Pimentel, verificou-se que houve mais de 293 mil citações no Facebook sobre as manifestações desde o dia 5 de junho ao final do dia 14. Desse total, mais de 180 mil citações ocorreram nos dias 13 e 14. Analisando apenas as citações do dia 13, de mais de 63 mil citações de 52 mil usuários, 62% continham percepções positivas dos usuários ao MPL e ao ato. As percepções negativas somavam apenas 12%. Uma análise detalhada dos temas

---

<sup>4</sup> “Jovens vão às ruas e nos mostram que desaprendemos a sonhar”. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/jovens-vao-as-ruas-e-nos-mostram-que-desaprendemos-a-sonhar>> e “Nota sobre a manifestação do dia 6”, disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/07/nota-sobre-a-manifestacao-do-dia-6/>>

<sup>5</sup> Informações levantadas pela organização sem fins lucrativos ARTIGO 19 no relatório “Protestos no Brasil 2013” indicam que no protesto do dia 13 de junho participaram quase 20 mil manifestantes (segundo os organizadores), com 235 detidos e mais de 100 feridos – sendo 2 detidos e 22 jornalistas feridos que cobriam a manifestação.

<sup>6</sup> “Estudo mostra que Passe Livre teve 62% de apoio nas redes sociais no dia 13/6”, disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/06/mapeamento/>>

revelou que 25% do conteúdo era de apoio ao ato e 19% sobre a violência policial - o segundo tema de maior destaque. Um dos conteúdos destacáveis desse dia foi uma postagem da jornalista Giuliana Vallone<sup>7</sup>, na manhã do dia 14, que, a despeito da postura editorial do veículo no qual trabalha, criticava contundentemente a ação policial, inclusive responsabilizando a PMSP pela bala de borracha que a atingiu no olho. A postagem de Giuliana, hoje, possui mais de 5,3 mil curtidas e 11,7 mil compartilhamentos, além de ter sido republicada em diversos veículos jornalísticos<sup>8</sup>.

Dois dias após a publicação do editorial “Retomar a Paulista”, a Folha de São Paulo publicava o editorial “Os agentes do caos”. Dessa vez, os agentes dos caos a que Folha se referia eram os policiais.

A Polícia Militar do Estado de São Paulo protagonizou, na noite de anteontem, um espetáculo de despreparo, truculência e falta de controle ainda mais grave que o vandalismo e a violência dos manifestantes, que tinha por missão coibir. Cabe à PM impor a ordem, e não contribuir para a desordem. (AGENTES..., 2013)

A seguir, o texto afirma que pessoas que nem sequer estavam envolvidas na manifestação foram vítimas da agressão policial, cita os sete repórteres do jornal feridos no protesto, destaca a agressão a Giuliana Vallone e avalia que “a responsável maior pela violência passou a ser a própria PM” (AGENTES..., 2013). Entretanto, é importante ressaltar que a Folha ainda segue responsabilizando os manifestantes por transformar “áreas centrais da capital” em “praças de guerra” e classificando como “irreais” as reivindicações do MPL. Ao final do editorial, o texto reforça que, “dentro da lei, da legitimidade e da razão”, cabe à polícia, chamada de “promotores da paz pública”, realizar a repressão.

#### **4.1 Aplicação Dos Elementos De Operacionalização Do Enquadramento**

Após a descrição dos dois editoriais da Folha de São Paulo sobre os atos do MPL, a seguir, aplico os elementos de operacionalização do enquadramento desenvolvidos no capítulo 3.

#### **Tabela 1 - Aplicação dos elementos de operacionalização do enquadramento**

<sup>7</sup> Post de Giuliana Vallone, disponível em: <<https://www.facebook.com/giuvallone/posts/10200618526163591>>

<sup>8</sup> “Repórter da 'Folha' atingida por bala diz que óculos salvaram seu olho”, disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/reporter-da-folha-atingida-por-bala-diz-que-oculos-salvaram-seu-olho.html>>

Elemento	Editorial 1 - 13 de junho	Editorial 2 - 15 de junho
Anterioridade	<p>O editorial se refere ao terceiro ato do MPL, resgatando os dois primeiros. O editorial também se refere à irritação da população com o preço e superlotação do transporte urbano. A tarifa havia aumentado R\$ 0,20 no início de junho. Os atores que o texto resgata são: o MPL; a PMSP; a Prefeitura; a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET); e o Estado, de forma genérica.</p>	<p>O editorial se refere ao quarto ato do MPL, resgatando os três primeiros. Os atores que o texto resgata são: a PMSP; o MPL; transeuntes, trabalhadores e manifestantes pacíficos agredidos; os sete repórteres feridos; a repórter Giuliana Vallone, dentre eles; o comandante da PMSP; o PM Wanderlei Vignoli, ferido na 3ª manifestação; e os 13 PMs feridos. O editorial compara o 4º ato ao 3º em relação ao número de feridos e ao comportamento da PM, em geral e citando o PM Wanderlei Vignoli, que não disparou contra os manifestantes.</p>
Pragmatismo	<p>O editorial insere o evento no presente a partir dos policiais e manifestantes feridos, danificações e efeitos no trânsito. É tratado como uma sequência dos dois atos anteriores - não há ineditismo nesse sentido. O editorial pede o fim dos atos.</p>	<p>O editorial insere o evento no presente a partir das pessoas sem envolvimento no ato e jornalistas agredidos pela PMSP. É tratado como uma sequência dos três atos anteriores - mas há o ineditismo do comportamento policial.</p>
Metacomunicação	<p>O editorial repudia os atos do MPL e concorda com a atuação da PMSP. O tom é de indignação. Há diversos trechos que ironizam o MPL como “poucos manifestantes que parecem ter algo na cabeça além de capuzes”. É possível perceber uma meta-asserção a grupos de esquerda ao caracterizar o MPL como “ideologia pseudorrevolucionária” e a sindicatos ao afirmar que obstruir vias em horário de pico é um “expediente consagrado pelo oportunismo corporativista”.</p>	<p>O editorial repudia os atos da PMSP e discorda da atuação do MPL. O tom é de indignação. É possível perceber uma meta-asserção a grupos de esquerda ao caracterizar o MPL por “radicalismo sectário”.</p>

<p>Posicionamento</p>	<p>O editorial delimita como atores: o MPL; a PMSP; a Prefeitura; a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET); e o Estado, de forma genérica. Os atores não-humanos delimitados são: a frota de ônibus; as estações de metrô; agências bancárias; sete hospitais; a avenida Paulista; o trânsito; e a Lei. O MPL é posicionado como adversário a todos os demais atores, humanos e não-humanos, da PMSP aos hospitais e mesmo à Lei.</p>	<p>O editorial delimita como atores: a PMSP; o MPL; transeuntes, trabalhadores e manifestantes pacíficos agredidos; os sete repórteres feridos; a repórter Giuliana Vallone, dentre eles; o comandante da PMSP; o PM Wanderlei Vignoli, ferido na 3ª manifestação; e os 13 PMs feridos. Os atores não-humanos delimitados são: equipamentos públicos; e áreas centrais da cidade. A PMSP é posicionada como adversária ao MPL, mas também aos trabalhadores e manifestantes pacíficos agredidos e aos sete repórteres feridos. Já o MPL segue adversário à PMSP, aos equipamentos públicos e às áreas centrais da cidade.</p>
<p>Instrução</p>	<p>O editorial exige um ponto final para os atos, além de investigação, identificação e abertura de processos aos responsáveis.</p>	<p>O editorial exige que a PMSP atue em ordem, que não agrida à imprensa ou a transeuntes e que não paralise as vias. O editorial exige que seja imposta ordem à manifestação.</p>
<p>Análise do contemporâneo</p>	<p>O editorial analisa o fenômeno de protestos em SP contra tarifas de ônibus e metrô; o descontentamento da população com o transporte público; o direito à manifestação; o vandalismo; o convívio democrático.</p>	<p>O texto analisa a ação da polícia na repressão a protestos; o fenômeno de protestos em SP contra tarifas de ônibus e metrô; o papel da imprensa; o vandalismo; o convívio democrático.</p>
<p>Padrões de ênfase e exclusão</p>	<p>O editorial enfatiza os danos ao patrimônio público e privado; os efeitos ao trânsito; os feridos manifestantes e PMs; as críticas ao comportamento dos manifestantes. Há um padrão, presente em praticamente todos os parágrafos, de desqualificação do MPL. O editorial exclui o número de manifestantes feridos e suas vozes.</p>	<p>O editorial enfatiza os feridos manifestantes, transeuntes, jornalistas e PMs; o despreparo da PM; as críticas ao comportamento dos manifestantes. Há um padrão, presente em praticamente todos os parágrafos, de apontamento do despreparo da PM e de desqualificação do MPL. O editorial exclui o número de manifestantes feridos e suas vozes.</p>

Avaliação moral	Os danos ao patrimônio, os efeitos ao trânsito; e os feridos manifestantes e PMs são apontados como causa da manifestação. Os manifestantes são apontados predispostos à violência, oportunistas e criminosos; suas reivindicações, como vis. O direito à manifestação é apontado como subalterno ao de ir e vir.	Os feridos manifestantes, transeuntes e jornalistas são apontados como causa dos excessos da PMSP. Os feridos PMs, os danos ao patrimônio e os efeitos ao trânsito são apontados como causa da manifestação. Os PMs são apontados como truculentos, despreparados e descontrolados. A ação dos policiais de atacar transeuntes é apontada como errada. Entretanto, a ação da PMSP no protesto anterior é apontada como corajosa.
-----------------	---	--

Fonte: autoria própria

## 6. Conclusões

A partir da aplicação dos elementos de operacionalização do enquadramento aos dois editoriais da Folha de São Paulo, é possível ter uma visão mais aprofundada sobre os enquadramentos propostos pelos dois produtos jornalísticos. Além disso, por se tratar de duas peças sobre a mesma situação e em um intervalo curto de tempo, torna-se evidente, a partir das diferenças entre diversos elementos, que houve uma alteração no enquadramento proposto nos dois editoriais.

O editorial de 13 de junho se refere a uma anterioridade basicamente restrita aos efeitos negativos causados pela manifestação, enquanto o do dia 15 também resgata a violência policial. O primeiro texto trata o 3º ato do MPL como mais um evento de vandalismo, assim como os dois anteriores. Já o segundo, apresenta como inédita a violência policial. O editorial “Retomar a Paulista” repudia apenas os atos dos manifestantes. Já texto “Os Agentes do caos” repudia, também, a conduta da PMSP. Em ambos os textos, o tom é de indignação e há meta-asserções críticas sobre movimentos de esquerda, mas apenas o primeiro ironiza, mais veementemente, os manifestantes. No primeiro editorial, são delimitados menos atores humanos que no segundo. Isso torna as relações entre os atores descritas no editorial do dia 15 mais complexas. Se, no primeiro editorial, todos os atores se opõem ao MPL, no segundo, há uma rede um pouco mais complexa de oposições entre os atores, com a PMSP se opondo aos manifestantes, mas também aos cidadãos. Curioso notar

que no editorial do dia 13, há mais atores não-humanos que no segundo editorial, o que permite uma maior caracterização dos danos ao patrimônio que são atribuídos aos manifestantes.

Enquanto a principal instrução proposta pelo texto “Retomar a Paulista” é de fim do movimento, no texto “Os agentes do caos” há a exigência de ordem por parte dos manifestantes, mas também do comportamento da polícia. Ambos os textos se dedicam a aspectos similares do contemporâneo, mas o primeiro sequer aborda os excessos policiais ou a liberdade de imprensa. O editorial do dia 13 dá saliência aos danos ao patrimônio e os efeitos sobre o trânsito, enquanto o segundo salienta as pessoas agredidas. Em ambos, há um padrão de desqualificação do MPL, embora o editorial do dia 15 também critique a atuação da PM. Em nenhum dos textos há menção ao número de manifestantes feridos ou espaço para que eles se posicionem. Eles nem sequer são nomeados, diferentemente do que ocorre com o PM ferido. Por fim, ambos os textos realizam uma avaliação moral do evento. O texto “Retomar a Paulista” classifica os manifestantes como predispostos à violência, oportunistas e criminosos e suas reivindicações, como vis. No texto “Os agentes do caos”, os PMs são apontados como truculentos, despreparados e descontrolados, embora a ação da PMSP no protesto anterior seja apontada como corajosa.

A partir dessa análise, é possível perceber nuances e diferentes perspectivas dos enquadramentos propostos pelos dois editoriais sobre as manifestações do início de junho de 2013. É interessante notar, como já aponte, que o segundo texto foi publicado em um contexto de amplo compartilhamento de denúncias à ação policial, incluindo relatos de repórteres da própria Folha de São Paulo. Entretanto, para além das divergências, é possível perceber também um padrão de oposição aos organizadores da manifestação e argumentos similares de pedidos à ordem, legitimação da ação policial em favor dessa ordem e manutenção da rotina padrão da cidade, por mais confusa e caótica que ela já seja.

## **REFERÊNCIAS**

AGENTES do caos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 jul. 2013. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/06/1295534-editorial-agentes-do-caos.shtml>> . Acesso em: 02 jul. 2015.

BATESON, Gegory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B.; GARCEZ, P. (org) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

ENQUADRAR. In: **Dicionário do Aurélio Online**. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/enquadrar>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

ENTMAN, Robert. “Framing: Toward clarification of a fractured paradigm” in M. Levy e M. Gurevitch, eds., **Defining Media Studies**. New York: Oxford University Press, pp. 293-300, 1994.

GITLIN, Todd. **The Whole World is Watching**. Berkeley: University of California Press, 1980

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. 720 p.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. **Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito**. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso), v. 27, p. 187-201, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a12.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da Mídia e Política**. In: XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, 26, 2002, Caxambu.

RETOMAR a Paulista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2013. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>> . Acesso em: 05 jul. 2015.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**. New York: The Free Press, 1978.